



O que as mulheres buscam na análise hoje?

Márcia Infante Vieira

Psicanalista

Psicóloga pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro / PUC-RJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
E-mail: marciainfante@oi.com.br

Resumo

A psicanálise entrou no social nos anos de 1950/1960. A igualdade de direitos entre os sexos foi bandeira de luta do feminismo. A família patriarcal, organizada sob um eixo vertical, horizontalizou-se. Esta mudança desestabilizou os referenciais que definiam os papéis dos homens e das mulheres no casal, configurando novas subjetividades e plantando uma demanda de análise. Hoje não encontramos mais as histéricas de Freud, mas mulheres 'bem sucedidas' sofrendo de solidão. Segundo os relatos clínicos, essas mulheres parecem acreditar no fato de que os homens atuais sentem-se ameaçados por elas. Na medida em que foram se emancipando, libertando-se da submissão imposta pela autoridade masculina, conseguindo reconhecimento profissional, independência financeira, chegando por vezes, a ganharem mais que os homens, e com autorização interna de viverem livremente suas vidas sexuais, essas mulheres deixaram de ser eleitas como esposas.

Palavras-chave: laços sociais, parcerias amorosas, novas subjetividades, demanda de análise.

Que cherchent les femmes dans la psychanalyse de nos jours?

La psychanalyse est entrée dans le lien social en 1950/1960. L'égalité de droits entre les sexes fut le drapeau de la lutte du féminisme. La famille patriarcale, organisée verticalement, s'horizontalise. Ce changement déstabilise les références qui définissaient les rôles des hommes et des femmes, ce qui engendre des nouvelles subjectivités et une demande d'analyse. Maintenant, nous ne retrouvons plus les hystériques de Freud, mais des femmes de succès, qui souffrent de solitude. D'après des récits cliniques, ces femmes semblent croire être menaçantes aux yeux des hommes. À mesure où elles s'émancipent, elles se libèrent de la soumission imposée par l'autorité masculine, arrivent à la reconnaissance professionnelle, à l'indépendance financière, et même parfois à gagner plus d'argent que les hommes; avec l'autorisation interne de vivre leurs vies sexuelles librement, ces femmes ne sont plus choisies comme épouses.

Mots-clés: relations sociales, partenariats amoureux, nouvelles subjectivités, demande d'analyse.

What do women look for in psychoanalysis nowadays?

Psychoanalysis entered the social bond in the 1950/1960's. Equality of rights between genders was a leading stand of feminism. The patriarchal society, with its hierarchically organized family relations, becomes an egalitarian regime. This change brought destabilization of the references that defined roles of men and women in couples, leading to new subjectivities and a demand for analysis. Nowadays, Freud's hysterical women ceased to exist, but instead, there are the successful women that suffer from loneliness. According to clinical reports, these women seem to believe in the fact that men feel threatened by them. With their emancipation, having freed themselves from the submission imposed by masculine authorities and having obtained professional recognition, financial independence, so much so that often times they make more money than man, and with the internal authorization to live their sexual lives freely, these women are no longer eligible to be wives.

Key-words: social relations, love partnerships, new subjectivities, demand for analysis.

O que as mulheres buscam na análise hoje?

Márcia Infante Vieira

O ponto de partida desse trabalho é a clínica psicanalítica no que se refere aos encontros e desencontros das parcerias amorosas nos dias de hoje. Surge no cenário analítico um número crescente de mulheres bem sucedidas nas esferas profissional e econômica, livres para viverem sua vida sexual e que, concomitantemente, sofrem de solidão na esfera do amor. Queixam-se de homens que fogem de um vínculo amoroso estável, desejando-as por uma noite, ou para 'ficar' numa sequência de encontros que não são alinhavados pelo compromisso.

A clínica vem demonstrando que, para ambos os sexos, as negociações decorrentes de um laço de compromisso na vida amorosa parecem funcionar como algo que tira a força individual. Para as mulheres, essa extração fica creditada na ameaça de perderem a emancipação alcançada em relação à submissão aos homens, que se desdobrou em ganhos de autonomia e elevação de autoestima. Para os homens, a exigência em lidar com toda essa demanda de mulheres possíveis que entraram no social, convocando-os a uma parceria igualitária em direitos e deveres, cria uma exigência de trabalho *de si*, na medida em que os coloca diante da necessidade de reconstruir um novo papel, assumindo uma nova identidade.

Como conteúdo manifesto, ambos os sexos continuam querendo o encontro, mas no latente o que se apresenta é uma aposta no desencontro. Parece que perpetuar a solidão garante uma nova forma de viver, já que o encontro constitui uma ameaça à integridade do eu dessas novas subjetividades. Viver bem, sem o outro, parece constituir-se uma nova demanda de análise. Essa nova demanda entra em conflito com o também presente desejo de constituir família e filhos, desejo por vezes identificado no limite imposto pelo relógio biológico. Alia-se a esse conflito a ameaça da solidão na velhice. O conflito entre estar sem ou com alguém, e tudo o que vem a reboque nessa negociação, parece configurar as novas tonalidades do mal-estar do amor na atualidade.

Psicanálise e contexto social

A psicanálise emergiu num contexto social em que a moral sexual, decorrente de uma sociedade patriarcal, produzia uma parceria amorosa com papéis bem definidos. Cabia à mulher a esfera doméstica, ou seja, o cuidado com a casa e os filhos, o que era do domínio do privado. Aos homens cabia o que era do domínio público, o trabalho e, conseqüentemente, os proventos da família. Formavam o casal 'Rainha do Lar e Provedor'. A subjetividade da Rainha do Lar era construída sob as bases do seu papel de mãe e esposa; e, para ser digna do amor de um homem, seu recato sexual era um fator determinante. Na vida psíquica dos homens, as mulheres dividiam-se entre as Santas e as Putas, e à virgindade era dado um valor de referência, de qualificação do caráter de uma mulher. Mulheres domesticadas e frígidas garantiam, através de seus silêncios, a suposta virilidade de seus maridos. Virilidade também legitimada pelas cortesãs, com quem viviam

seus prazeres sexuais, na medida em que não cabia, e nem interessava a essas mulheres, qualquer questionamento sobre o desempenho amoroso e sexual desses homens.

Os sintomas conversivos da histeria conduziram essas mulheres aos cuidados médicos psiquiátricos, até que surgiu Freud, deslocando o 'olhar' desses sintomas, para uma 'escuta' sobre os mesmos. Acreditou existir um 'dizer' sobre eles e debruçou-se no trabalho de traduzi-los. Surge a psicanálise, trazendo à tona a insatisfação sexual como a causa desses sofrimentos. Freud dá voz a essas mulheres e, do divã para a escrivaninha, vai construindo o método psicanalítico de tratamento.

A humanidade avançou. A revolução industrial já havia lançado as mulheres nas fábricas, incluindo-as no domínio público. A ciência médica inventou os anticoncepcionais, o que deu à mulher o poder de escolha de conceber ou não, possibilitando-lhe a liberdade sexual. A inseminação artificial dispensou a presença do sujeito homem do ato da fecundação, bastando o espermatozoide. A revolução sexual lutou pela igualdade dos sexos. A psicanálise entrou no social e a 'fala' dessas mulheres, ao longo dos anos, afetou a construção das parcerias amorosas.

A psicanálise, através da sua entrada no social nos anos de 1950/1960, teve um papel na emancipação da mulher, que passou a questionar o autoritarismo do patriarcado. A igualdade de direitos entre os sexos foi bandeira de luta do feminismo. A sociedade patriarcal, que era organizada sob um eixo vertical ao que se refere aos laços familiares, desloca-se para um eixo horizontal. Essa mudança trouxe uma desestabilização entre os referenciais que definiam os papéis dos homens e das mulheres no casal, o que veio configurando novas subjetividades e, conseqüentemente, plantando silenciosamente uma demanda de análise.

Surgem no cenário social novos laços e novas subjetividades. A sociedade construída sobre o eixo do patriarcado é desequilibrada, trazendo uma desconstrução nos papéis dos homens e mulheres no que se refere à parceria amorosa. Com o surgimento de uma nova mulher no cenário social, o lugar do homem na parceria amorosa entrou em questão. Ambos parecem estar em busca de novos arranjos possíveis e, nesse percurso, entre encontros e desencontros, chegam aos nossos consultórios em busca de sentido para essas novas configurações. O mal-estar no amor se transformou, criando uma nova demanda de análise.

Hoje, não encontramos mais as histéricas convertidas de Freud, mas mulheres 'bem sucedidas' sofrendo de solidão. Segundo os relatos clínicos essas mulheres parecem acreditar no fato de que os homens de hoje sentem-se ameaçados por elas. Na medida em que foram se emancipando, libertando-se da submissão imposta pela autoridade masculina, conseguindo sucesso e reconhecimento profissional, independência financeira, chegando, por vezes, a ganharem mais que os homens, e com autorização interna de viverem livremente suas vidas sexuais, essas mulheres deixaram de ser eleitas esposas. Desejadas sim, mas recortadas para serem a parceira num vínculo de amor e compromisso, não.

Da histérica de Freud à solidão das mulheres atuais, o que a psicanálise pode nos dizer? Que olhar a teoria psicanalítica lança para esses sintomas a fim de sustentar clinicamente essa demanda?

O referencial teórico deste artigo está fundamentado nas ideias da psicanalista Tania Coelho dos Santos, que avançam no sentido da análise das novas subjetividades e de novos laços sociais. Analisaremos, inicialmente, os novos sintomas clínicos do século XXI, a partir de suas publicações (Coelho dos Santos, 2001, 2008a, 2008b, 2009).

Psicanálise e casamento

Coelho dos Santos (2001), em seu livro *Quem precisa de análise hoje*, apresenta uma extensa pesquisa realizada a partir de revistas endereçadas ao público feminino, cujas colunas de aconselhamento foram introduzindo um pensar psicanalítico, vindo alterar os hábitos, condutas e coreografando, gradativamente, novas subjetividades. Essas publicações têm início em 1950 e vão até 1980, dividindo-se em três períodos marcantes.

Primeiro período: 1950 → Ideal de harmonia

Nesse primeiro período, o estudo baseia-se em um serviço de aconselhamento grafológico na revista *Lady*, da editora Melhoramentos, de São Paulo, cujo primeiro exemplar foi lançado em 1956. As cartas recebidas passavam pelo exame grafológico de D. Olga Mayo, com vistas a solucionar problemas, preocupações ou dúvidas. Os conselhos denunciavam o quanto a psicologia da época estava entrelaçada a uma herança religiosa, na medida em que as orientações caminhavam no sentido de seus leitores harmonizarem suas vidas e suas subjetividades de acordo com suas missões. Cabia ao homem ser marido ou pai e à mulher, ser esposa ou mãe. Nesse sentido, era privilegiado o compromisso do indivíduo com a ordem social, sendo a defesa dos interesses da sociedade o alvo do aconselhamento. A subjetividade era algo relacionado à honra e ao compromisso, visando o bom desempenho das funções sociais. Dessa forma, a felicidade do indivíduo não deveria se discriminar do interesse do grupo. O imaginário de uma moral religiosa pautava as subjetividades, na medida em que traços de personalidade e caráter encontravam-se estritamente relacionados ao destino, e associados às expectativas de recompensa e punição.

Os exames grafológicos mostraram que as principais categorias da psicologia que estavam implicadas e suas respostas eram caráter, vocação, sentimento e vontade. Ao caráter era depositada a possibilidade de atuar no ambiente como força propulsora, podendo mudar acontecimentos e situações na vida de cada um. O caráter poderia ser modificado pela ação da vontade, através da fé, calma, coragem, energia e concentração das forças mentais. Esses atributos vinculavam a força do sujeito com os ideais, o que garantiria o acesso a uma vida feliz e realizada. Dessa forma, o ideal associava-se a uma dimensão estética da existência, sendo a via pela qual o aperfeiçoamento ético ou moral transcende o sentimento de obrigação, visando o prazer e o belo. Essa referência fazia a diferença entre a aceitação e a submissão em relação à ordem simbólica e social. Coelho dos Santos (2001) chamou de modelo estético o que se configurou como um tipo psicológico ideal masculino e como moral religioso, o tipo psicológico ideal feminino. O eu, as subjetividades do sujeito estético e do sujeito moral religioso aparecem como opostos no que concerne ao seu caráter e destino. Ao

modelo ideal masculino aparecem associados os dotes de inteligência, talento, idealismo, concentração, iniciativa, senso crítico, espírito progressista, ambição, enfim, capacidades ditas superiores. No modelo psicológico do ideal feminino encontram-se as virtudes, ingenuidade, pureza, bondade, abnegação e sacrifício, índole carinhosa, amor ao próximo, habilidades para as tarefas domésticas e religiosidade. Essas características são ancoradas nas diferenças sexuais, apontando para a ideia de que os sexos são complementares. Contrariamente a esses ideais, o homem fraco e a mulher desfrutável eram representações negativas, sendo percebidas como carências essenciais em função da falta de ideais. A vinculação dessas representações aos ideais feminino e masculino vem a ser a força motivadora da insurreição do processo de modernização, que tem como grande aliado a difusão da teoria psicanalítica.

A psicanálise, com sua teoria a respeito do sujeito, apresenta uma nova subjetividade e denuncia a concordância entre o sexo anatômico e o modelo identificatório. As representações sociais vigentes nos anos de 1950 tinham em seu bojo um modelo de ideologização da diferença sexual, afins aos valores tradicionais, associados à religião, no que se refere às relações entre homens e mulheres. A difusão da psicanálise rompe com esse universo tradicional deslocando a ênfase nos ideais em favor da ênfase na sexualidade. Carmem da Silva, nos anos 1960, tem um papel intimamente ligado a essa ruptura, tendo como veículo a coluna da *Revista Cláudia*, através da qual orientava seus leitores, baseando-se na teoria psicanalítica. A sociedade entra em processo de transição, modernizando seus valores. O ideal psicológico feminino se aproxima do ideal estético masculino, valorizando-se uma harmonia entre um modelo e outro, o que conduz as mulheres a desejarem serem indivíduos. Diante dessa nova elaboração da subjetividade feminina, o paradigma moral religioso entra em decadência. O que passa a ser buscado, através do paradigma estético, é o brilho do eu, do verdadeiro eu. As camadas profundas do inconsciente, uma vez alcançadas, garantiriam esse autoconhecimento, essa verdade sobre si. Surge uma mulher interessante que vem a se contrapor com a figura da mãe abnegada que, no momento em que a psicanálise permeou as relações sociais, passou a ser focada pela lente da patologia. Carmem da Silva, através da nova revista *Cláudia*, foi porta-voz da articulação da psicologia da mulher com o inconsciente, com o recalque e com a sexualidade feminina.

Segundo período: 1960 → Ideal de autenticidade

O marco do segundo momento desse estudo de Coelho dos Santos (2001) está datado em 1963, com os artigos da coluna *A arte de ser mulher*, assinados por Carmem da Silva. Uma cultura psicanalítica produziu-se no Brasil, tendo como modelo o eu elevado à categoria de referência identificatória, desdobrando-se em tipos sociais aceitos ou renegados. O sujeito do inconsciente, logo um sujeito dividido entre o que sabe de si e o não sabido, passou a buscar aconselhamentos que passaram a funcionar como operadores na lida com a angústia deflagrada por esse encontro mais íntimo consigo. O diálogo passa a ser o novo fundamento do ideal de saúde mental. Esse ideal preconiza a democracia, a igualdade de direitos e deveres, na relação entre os sexos. Na medida em

Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana, 9(18), 72-84. Rio de Janeiro, mai. a out. 2014.

O que as mulheres buscam na análise hoje?

Márcia Infante Vieira

que os traços do modelo masculino foram incorporados no modelo feminino, a nova moral do trabalho só passou a reconhecer como legítimo o trabalho extra doméstico. A mulher teve incorporada em sua subjetividade uma nova moral sexual e sua inserção na esfera pública. A nova moral sexual foi sendo gradativamente construída, no que diz respeito à igualdade para ambos os sexos na prática dos atos sexuais. Valores como liberdade, fidelidade e virilidade encontram um lugar de destaque. Os maridos passam a ser convocados a serem fiéis e dividirem as tarefas domésticas. O casamento moderniza-se e os papéis, outrora segregados, passam a constar como possíveis responsáveis pelo masoquismo feminino e, conseqüentemente, pela infidelidade masculina.

Esse novo modelo de eu, uma vez que comporta o inconsciente, passa a responsabilizar o sujeito em relação às suas escolhas e queixas. A inocência é suspensa e cada um se torna responsável, mesmo que inconscientemente, pelas causas de seus sofrimentos. Definitivamente, Carmem da Silva introduz o inconsciente no social, investindo contra a moral religiosa que se associava às representações do feminino. Suas respostas caminhavam num sentido de uma moral leiga, individualista, igualitária e fundada na reciprocidade. O modelo anterior era visto pela conselheira como gerando subjetividades femininas oprimidas e empobrecidas. O conceito de recalque, que é estrutural da obra freudiana, constitutivo do psiquismo, passou a ser confundido com o conceito de repressão, que é um conceito social. Essa confusão teve como efeito a crença de que poderiam ser encontrados sujeitos autênticos, cientes de si, uma vez que fosse suspensa a repressão, causa dos sofrimentos, unificando uma verdade do eu. Acreditou-se que a neurose poderia ser combatida pela razão. O ideal de autenticidade passou a substituir o ideal de harmonização vigente nos anos 1950. O grande ganho foi a possibilidade de se interpretar sentimentos, atitudes e hábitos já codificados pelo imaginário tradicional. A infidelidade masculina foi o alvo mais atacado nos diálogos da conselheira com seus leitores. O Complexo de Édipo funcionou como o instrumento principal para cartografar-se a complexa etiologia dos sentimentos inconscientes. Nessa cartografia, ambos os sexos eram responsabilizados, cabendo a cada um sua parte no enredo construído pelo casal. A mulher traída deixa de ser vítima do homem enganador e é creditada em sua conta a responsabilidade da traição do marido, pelo fato de ser parasita e desinteressante. Ao homem enganador era atribuída alguma fixação no complexo materno como a causa de suas traições. Essa referência esposa parasita/marido infiel passa a fazer parte de um ideal negativo do casal. O novo modelo de casal feliz visa à igualdade entre homens e mulheres, desvalorizando-se as diferenças em prol das semelhanças entre os seres humanos. Novos ideais foram tecidos, o que veio a tecer novas subjetividades. O mal-estar no casamento passa a ser localizado na dissociação do afeto da sexualidade. Com isso, a infidelidade ganhou um estatuto patológico de uma dissociação neurótica, o que balançou radicalmente as representações do masculino. O novo casal feliz estruturou-se em papéis não segregados, cabendo à mulher o trabalho extra doméstico e ao homem a mudança em seu comportamento doméstico e sexual. Carmem da Silva destaca na psicologia da mulher um ódio inconsciente pelo homem oriundo de uma cultura desigual e injusta. Assumir esses sentimentos passou a ser visto como a possibilidade de encontrar

novos caminhos em busca da autenticidade. O ideal de autenticidade passou a ser exercitado na relação amorosa como consequência da suspensão do recalque opressor da sociedade patriarcal, o que permitiu advir homens e mulheres livres e iguais. Coelho dos Santos (2001) mostra que, nas respostas dessa coluna, Carmem da Silva acredita que a psicanálise tem um compromisso com a mudança do papel social da mulher. A jovem passa a recusar o papel de bonequinha de luxo pagando o preço da incerteza, abraçada ao seu único patrimônio seguro, isto é, sua força de trabalho. O valor da virgindade como passaporte para o casamento é colocado em questão, vindo balançar ainda mais o imaginário social da tradicional moral religiosa. A transparência passa a ser o passaporte para se alcançar o conhecimento de si e, conseqüentemente, a autenticidade.

Essa configuração de valores desembocará, por um excesso de psicologização, em uma política de exceção. Os propósitos de todas as leis passam a ser questionados como que escondendo interesses autoritários, contrários ao bem estar do eu. A psicanálise acenou como promessa de encontro com o paraíso. Coelho dos Santos (2001, p. 102) denuncia o equívoco contido nessa promessa, na medida em que "o fundamento de uma análise não é o eu que fala e sabe o que diz, mas sim a experiência desse 'nós', desse outro que fala em mim mais do que eu digo."

Na década de 1980 ocorre um declínio da referência da intersubjetividade como prática da elaboração da subjetividade, decorrente da descrença em alcançar esses ideais. Surge o individualismo como sucessor do fracasso na crença de autenticidade diante do outro. Ser diferente, exceção, ímpar se tornam as novas referências desse novo ideal, o individualismo.

Terceiro período: 1980 → Ideal do individualismo

Em 1980, terceiro momento da pesquisa do livro de Coelho dos Santos (2001), surge a revista *Nova*, apresentando as faces de uma nova mulher, a mulher liberada. Essa mulher desarticulou satisfação sexual de segurança material, êxito conseguido através do trabalho extra doméstico, que lhe outorgou economia e reconhecimento social. São as herdeiras da queima dos sutiãs das feministas. As seções de aconselhamento psicanalítico demonstraram que os temas mais discutidos nesses momentos eram o ideal de independência e o combate aos sentimentos de medos, vergonhas, inseguranças, solidão, angústia e depressão, que apontavam para uma desvalorização. Sob o olhar da psicanálise, esse ideal de autodeterminação é impossível de ser alcançado, na medida em que exclui o outro, outro que, na verdade, determina o sujeito. Assim, a autora faz a hipótese de que a autodepreciação está intrinsecamente ligada à radicalização da ideologia individualista. Os novos sintomas de autodesprezo denunciaram que o perfeccionismo seria a causa da solidão. Os narcisistas tornaram-se os herdeiros dos neuróticos reprimidos, ambos com dificuldades de amar. A mulher liberada tem a si como objeto de amor. A relação com o outro não é vivida como garantia de felicidade. A revista *Nova*, difundindo as teorias psicanalíticas, atestam que Édipo teria dado lugar a Narciso, e que o narcisismo seria a nova doença moderna. Com esse novo mito, declinam as referências à figura paterna, ao social, aos ideais e à cultura. Veicula-se a ideia de que esse novo mal-estar, esse sofrimento individualista aponta para excessos na relação com a mãe.

A cultura psicanalista vigente prega, para homens e mulheres, a liberação dos traumas infantis, visando uma atenuação das culpas provenientes desses traumas. Cada um como ser de exceção e diferente do outro: esse é o lema do individualismo e o desafio da moderna configuração de valores.

Através desses três momentos históricos, revelados pelas revistas femininas, acompanhamos o deslizamento dos ideais que elaboravam as subjetividades de homens e mulheres na parceria amorosa. Deslizou-se do ideal de harmonia para o ideal de autenticidade e do ideal de autenticidade para o ideal do individualismo. A psicanálise entrou no social trazendo o sujeito do inconsciente, o sujeito dividido. Lidar com esse sujeito criou a demanda de análise.

Novas parcerias amorosas

No artigo "Entre tapas e beijos: a vacilação dos semblantes da diferença sexual", Coelho dos Santos (2008a) levanta questões referidas às novas parcerias amorosas. Reflete sobre a orientação da escolha de objeto após a vacilação dos semblantes tradicionais que delimitavam as escolhas e os papéis a serem desempenhados pelos homens e pelas mulheres. Acredita que um imperativo do prazer imediato configurou os novos valores, rebaixando a operatividade da figura paterna. Afirma que não podemos nos desvencilhar de papéis nessa parceria, na medida em que, no inconsciente, a diferença anatômica entre os sexos está inscrita como diferença psíquica. Nessa inscrição, se encontra discriminada a relação que cada um, homens e mulheres, tem diante do falo e que a posição que cada sexo ocupa tem efeitos de castração para o outro.

Dois questões desdobram-se: a primeira é sobre a possibilidade de ainda poder se falar em uma psicologia do masculino ou do feminino após a ideologia unissex dos anos 1960 e 1970. A segunda refere-se à reflexão de como estaria coordenada a solidão autoerótica de cada um com o falo na parceria amorosa. O desencaixe inevitável, devido à divisão do sujeito, encontrava seus papéis elaborados subjetivamente no casal histórica/obsessivo. Onde poderemos localizar o mal-estar na relação entre os sexos, pós-revolução sexual, que conduziu ao ideal de equivalência?

Coelho dos Santos (2008a) exemplifica o mal-estar contemporâneo através de vinhetas clínicas, nas quais busca identificar quais semblantes estariam dando corpo à virilidade e à feminilidade hoje. Em relação aos homens, as vinhetas demonstram que, apesar da maioria deles dizerem preferir mulheres independentes, ao escolherem uma parceria estável, elege as dependentes, com as quais desempenham o papel de provedor, o que os leva a abandonar a questão sobre qual é a mulher que desperta seu desejo. Contrariamente, aqueles que se recusam a assumir o papel de provedor encontram dificuldades em se sustentar em um vínculo amoroso. A oposição mulher virtuosa *versus* mulher de má reputação sempre ocupou o imaginário masculino. Enquanto basculam em direção ao que falta à mulher, fogem de se implicarem, de se perguntarem se estão à altura de dar à mulher o que lhe falta. Seduzem para conquistar, mas não sustentam o semblante de provedor por muito tempo. Diante da falta de referências tradicionais do papel que cada um ocupa na parceria em relação ao falo, ele vacila, fica inseguro e se separa.

Quanto às mulheres, Coelho dos Santos (2008a) apresenta vinhetas que falam dos novos sintomas, que são as novas solteironas, ou seja, mulheres independentes, bem remuneradas e solitárias. Angustiam-se com a dificuldade em compatibilizarem sucesso profissional e vida amorosa. Não encontram parceiros à altura para estabelecerem parcerias viáveis. Por vezes, cabe a essas mulheres o papel de provedoras do casal. A autora vê instalada nessa dinâmica a versão contemporânea do mal-estar na sexualidade feminina. Conclui o artigo apresentando a ideia de que o vacilar dos semblantes é o sintoma que passa a presidir a relação à realidade e, hoje, esse sintoma nos diz que o laço sexual é precário.

Em outro artigo, "1968: a vacilação generalizada dos papéis sociais", Coelho dos Santos (2008b) articula a precariedade do pai simbólico à incerteza sobre os papéis sexuais. Destaca, como um dos fatores que influenciaram um amálgama confuso entre coisas diferentes, a confusão feita entre os conceitos de recalque e repressão. Enquanto o primeiro é um conceito estrutural da obra freudiana, constitutivo do psiquismo e que advém da diferença sexual e das gerações, o segundo é um conceito social, que fala sobre um excesso de autoritarismo da geração dos mais velhos sobre a dos mais jovens. Postula ser essa confusão responsável por um novo mal-estar na vida sexual, já que veiculou a ideia de que as doenças nervosas têm como causa a repressão da sexualidade, o que veio alimentar a demanda de análise. Pontua que a entrada das mulheres nas universidades capacitou-as, através dos seus diplomas, a questionarem a autoridade do mestre. Há um afrouxamento dos laços sociais e uma recriação de valores. Ocorre um deslizamento dos papéis segregados de acordo com o sexo para uma liberdade em recriá-los individualmente, ou seja, cada casal com sua receita. Conclui esse artigo se perguntando como opera um analista diante da vacilação dos semblantes e, mais, como pode ser possível produzir a queda das identificações por meio de uma análise, já que a figura do pai simbólico já declinou. Coelho dos Santos responde que não cabe mais ao analista perturbar as identificações para colher o vazio como causa. Crê que o analista que se encontra atento às transformações de sua época identifica a inconsistência do simbólico na civilização. Seu papel não é de restaurar e nem inventar novas identificações e novas subjetividades. "Resta-lhe a responsabilidade pela sua interpretação do real em jogo na fala de cada analisando" (Coelho dos Santos, 2008b, p. 324), implicando-se em sua leitura inédita e singular da constituição subjetiva.

Novas demandas

Ilustraremos com duas vinhetas clínicas, respectivamente de uma mulher e de um homem, o que estamos nos referindo quando falamos de "novas demandas":

Vinheta 1

Carla, 38 anos, chega à análise interrogando-se sobre a dificuldade em encontrar um namorado. Separada há dez anos de um casamento que também durou dez anos, desde então, seus vínculos apresentavam a mesma característica, ou seja, seus parceiros nunca se compromissavam

com ela, embora mantivessem encontros fortuitos, por vezes, ao longo de muitos meses. Mulher de beleza ímpar, bem sucedida profissional e economicamente, exercia sua liberdade social e sexual com muito prazer. "Dizia" desejar constituir família, casar e ter filhos e angustiava-se com o limite imposto pelo relógio biológico. Não entendia como, com tantas virtudes, não conseguia "arrumar" um namorado. Um marco decisivo foi o momento em que tomou consciência do seu desejo de ficar só, que se evidenciou pelas consecutivas apostas em encontros, mas que na prática, colhia o desencontro. A base desse desejo de liberdade estava atrelada ao fato de que todas as suas conquistas haviam sido alcançadas após a separação. O parceiro, em seu imaginário, como uma criptonita, lhe tiraria as forças. Foi construindo a cena em que, da mãe, mulher do lar, ouvia: "nunca dependa de um homem" e, de seu pai, colhia o silêncio e o mau humor como reação ao fato de estar saindo com um novo parceiro. O entendimento de que o único casamento que se autorizava era com seu trabalho permitiu-lhe abrir uma nova via na qual a entrada do outro, apesar de dolorosa e trabalhosa, se fez.

Vinheta 2

José chega à análise aos 28 anos, recém-separado, extremamente deprimido e abdicado dos cuidados de si. Sua trajetória amorosa repete-se sem originalidade, no que concerne ao masculino, na alternância entre o declínio do desejo sexual pela parceira eleita como "a" oficial, e a exaltação desse desejo pelas outras mulheres. Esse mecanismo chega a levá-lo à total paralisia da atividade sexual com sua companheira. A consciência da repetição, o desejo de constituir família e a angústia que lhe inundam configuram sua singularidade para além da escolha do neurótico obsessivo, acrescido ao fato de que sua dúvida alternava entre mulheres intelectuais e bem sucedidas. Depois de seis anos de percurso analítico, revela, em análise, que na sua família de origem, moderna e liberada, dentro de casa todos andavam nus, seus pais, suas irmãs e ele. A lembrança da atração que os órgãos genitais de seus parentes, percebidos em seus mínimos detalhes, fez-se questão nesse momento, e concedeu-lhe o entendimento da sua cartografia amorosa. A angústia deflagrada pela possibilidade incestuosa o afastava das suas relações de intimidade. As mulheres que se encontram fora do âmbito doméstico, como as primas no passado, ficam carregadas de desejo pela liberdade que encarnam. Hoje, José está com muitas dificuldades e em *loopings* constantes de dúvida, mas casado e com uma filha. A saída que encontrou para manter o compromisso foi abrir para sua companheira que esse é seu sintoma. Entre separações e voltas, ele acredita, com humor, que hoje ele é muito mais entregue e compromissado com a relação do que sua parceira, pois ele 'engole' seu desejo de ir para rua em nome do convívio a dois, enquanto ela constantemente entra em crises, manda-o embora e depois o quer de volta.

Reflexões sobre a clínica contemporânea

Utilizaremos o artigo "Existe pecado do lado de baixo do equador?" (Coelho dos Santos, 2009) visando articular essas novas demandas com a teoria psicanalítica na tentativa de que essas

Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana, 9(18), 72-84. Rio de Janeiro, mai. a out. 2014.

O que as mulheres buscam na análise hoje?

Márcia Infante Vieira

reflexões confirmam uma direção à escuta na clínica atual. Nele, a autora trabalha com a ideia de que uma nova moral sexual, igualitária, veio substituir a dupla moral sexual, repressiva e perversa. "Essa nova moral prescreve o direito universal à norma fálica" (*Ibid.*, p.121). Contudo, esse deslizamento não dissolveu o mal-estar nas parcerias amorosas, pois homens e mulheres partem para suas escolhas amorosas carregados de idealização, o que os encaminham para um "impasse narcísico" (*Ibid.*, p. 128). Nessa idealização está contida uma exigência igualitária, ou seja, a crença de que cada parceiro eleito porte as características e virtudes do outro sexo, compondo um único ser híbrido. Inevitavelmente, a busca orientada por esse eixo desemboca no desencontro, avesso de tão inalcançável expectativa.

Coelho dos Santos (2009) interroga os efeitos da vacilação dos semblantes da diferença sexual, que parecem ter trazido para a clínica contemporânea novas versões da feminilidade e da virilidade, apontando para uma permanência, precariedade, ou mesmo, uma substituição desses semblantes. No que diz respeito às mulheres, a clínica vem demonstrando que:

- As mulheres, na contemporaneidade, precisam fingir que não há diferença entre os sexos. A diferença entre o ter o falo e ser o falo vem sendo lentamente apagada no imaginário social, aprisionando os jovens à representação enganosa de uma suposta relação igualitária (Coelho dos Santos, 2009).

- Do lado dos homens, suas escolhas, atualmente, para além da divisão entre a "santa" e a "mulher da vida", denotam uma demanda de encontro com uma mulher capaz de reunir "tudo". Expectativa impossível que os coloca numa busca incessante, já que acreditam na possibilidade de uma próxima mulher, e outra e depois outra, enfim, alguma que possa condensar todas as virtudes esperadas.

Essa desconfiguração da diferença entre os sexos instalou um novo mal-estar. O enigma não parece estar mais em desvendar a virilidade e/ou a feminilidade, mas, sim, em o que as difere. A falta dessas referências na orientação da escolha de um parceiro estimula uma incessante experimentação, onde está contida a crença de que é daí que a resposta advirá. Aposta-se no encontro e colhe-se o desencontro, pois quanto mais se busca, menos se alcança. Essa condição de inalcançabilidade é inerente ao fato do objeto que causa o desejo ser inconsciente e por isso ser "[...] um objeto incomparável, arbitrário, inexplicável e incognoscível. Nenhum objeto possível, nenhum percurso na realidade pode equivaler ao objeto causa de desejo" (Coelho dos Santos, 2009, p. 132).

Pautada na orientação do psicanalista Jacques Lacan (2006, p. 32), a respeito das diferenças entre os sexos, a autora fundamenta suas hipóteses. Acredita que, na atualidade, essa condição do estatuto inconsciente do objeto que causa o desejo é negada pelo individualismo igualitário. Dessa forma, sem a bússola orientadora do desejo inconsciente, o sujeito, à deriva, busca o gozo infinito e absoluto. A crença de tudo ser possível corre na via contrária a dos conceitos de sujeito dividido e de estrutura, ou seja, a posição subjetiva em que cada um se coloca diante do falo. Falo que é o

significante da diferença sexual e posição essa que é singular, tendo efeito de castração para o outro sexo.

Os significantes, homem e mulher, são semblantes da diferença anatômica entre os sexos, pois somente os significantes permitem inscrevê-la no inconsciente como diferença psíquica (Coelho dos Santos, 2009). Conclui-se que o mal entendido entre os sexos é estrutural, estando a diferença sexual inserida nesse mal-estar. No inconsciente, a medida fálica mede diferentemente o gozo masculino e o gozo feminino. Do ponto de vista do inconsciente, o homem tem o falo e a mulher, não, o que aponta para o fato de que um sexo não é idêntico ao outro. A tentativa de equivaler os gozos para ambos os sexos, almejada pela revolução sexual, veio a normatizar o gozo masculino como universal.

Considerando os casais de outrora, homem infiel/mulher parasita que deu lugar ao casal homem obsessivo/mulher histérica, que casal temos diante de nós na contemporaneidade? "Defino o casal contemporâneo pelo que ele não é" (Coelho dos Santos, 2009, p. 138). A hipótese da autora é que o discurso capitalista teve seus efeitos na cultura brasileira, já sexualmente permissiva. Esse discurso prega e promete a máxima de que "tudo pode ser possível". Considerando que a ideia de falo como significante da diferença sexual castra o gozo absoluto de um sexo diante do outro, o discurso capitalista rompe com essa regra fundamental, acenando ser possível o reencontro com o paraíso perdido através do "tudo poder".

Considerações finais

Através das vinhetas podemos pensar que, apesar de todas as transformações nos laços sociais, a psicanálise pode estar operando como um novo índice de regulação da diferença sexual, uma vez que mantém o falo como medida da estrutura do recalque. Carla e José, sujeitos contemporâneos, deslizaram no sentido de atravessarem seus fantasmas quando orientados pelo real de seus sintomas. O 'tudo poder' não garante a felicidade e não dissolve o mal-entendido entre as parcerias amorosas. Carla, ao se dar conta de que a criptonita tirava a força do "super-homem" e José, por sua vez, "engolindo", castraram-se, na medida em que rearranjaram suas vidas amorosas. Continuaram sendo sujeitos contemporâneos já que seus novos arranjos não destituíram as mulheres de suas conquistas e nem os homens da tarefa de se reinventarem.

As mulheres parecem continuar buscando em análise o deslizamento da posição de que é o outro que porta o desejo. Das seduzidas históricas de Freud às solitárias contemporâneas, é a apropriação do próprio desejo que redireciona o percurso analítico. Enquanto as primeiras apropriaram-se do "sou eu que desejo", as segundas, parecem se apropriar do "sou eu que não quero".

O sujeito do inconsciente nunca está acabado em si mesmo, na medida em que sofre as vicissitudes do mundo externo. Seus sintomas são constantes conciliações entre o dentro e o fora e, portanto, denunciam os laços sociais. Dessa forma, escutar o dizer dos sintomas é escutar os

impasses subjetivos dentro da história. Cabe ao analista comprometido com sua prática estar atento à subjetividade de sua época.

Referências bibliográficas

- Coelho dos Santos, T. (2001). *Quem Precisa de Análise Hoje? O discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais*. São Paulo: Bertrand Brasil.
- Coelho dos Santos, T. (2008a). Entre tapas e beijos: a vacilação dos semblantes da diferença sexual. *Latusa*, (13), 201-213.
- Coelho dos Santos, T. (2008b). 1968: A vacilação generalizada dos papéis sociais. In Soubbotinik, O. M. de S. & Soubbotinik, M. (Orgs.). *Enlaces: psicanálise e conexões* (1, pp. 313-327). Vitória: Programa de Pós-graduação em letras e história da UFES.
- Coelho dos Santos, T. (2009) Não existe pecado do lado de baixo do Equador? *Cadernos de Psicanálise – SPCRJ* 25(28), 121-142.
- Freud, S. (1976). Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à Psicologia do Amor I). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 147-157). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1976). Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à Psicologia do Amor II). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 159-173). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (1976). O tabu da virgindade (Contribuições à Psicologia do Amor III). *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 11, pp. 175-192). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1918[1917]).
- Freud, S. (1976). Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19, pp. 303-330). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1925).
- Lacan, J. (1986). *Le Seminaire, livre VII: l'éthique de la psychanalyse*. Paris: Seuil (Trabalho original publicado em 1960-1061).

Citação/Citation: Vieira, M. I. (mai. a out. 2014). O que as mulheres buscam na análise hoje? *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 9(18), 72-84. Disponível em www.isepol.com/asephallus. doi: 10.17852/1809-709x.2019v9n18p72-84.

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos.

Recebido/Received: 05/09/2013 / 09/05/2013.

Aceito/Accepted: 18/10/2013 / 10/18/2013.

Copyright: © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.